

Dossiê: Resistência, adesão e acomodação na América Latina: Imprensa e humor em contextos autoritários

Organizadores

Rodrigo Patto Sá Motta

Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Coordenador do Laboratório de História do Tempo Presente. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ex-presidente da Associação Nacional de História (ANPUH). Belo Horizonte, MG – BRASIL
lattes.cnpq.br/5564617043735745
rodrigopsamotta@gmail.com
 orcid.org/0000-0003-0158-6501

Mélanie Toulhoat

Doutora em História pela Universidade Sorbonne Nouvelle e pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora integrada no Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. Pesquisadora associada ao Centre de recherche et de documentation des Amériques (CREDA). Lisboa – PORTUGAL
cienciavitaet.pt/portal/en/8916-1A9D-205E
melanie.toulhoat.2020@gmail.com
 orcid.org/0000-0001-8967-2628

 <http://dx.doi.org/10.5965/2175180314372022e0100>

 /tempoeargumento

 @tempoeargumento

 @tempoeargumento

Dossiê: Resistência, adesão e acomodação na América Latina: Imprensa e humor em contextos autoritários

Organizadores: *Rodrigo Patto Sá Motta, Mélanie Toulhoat*

Nos últimos anos, em meio ao contexto de ascensão ao poder de Jair Bolsonaro, com sua prática política autoritária e gestão catastrófica da crise sanitária da COVID-19, temos visto um intenso ressurgimento de práticas gráficas e humorísticas, amplamente difundidas nas redes sociais. Novos processos visuais, novas técnicas e novos canais de comunicação têm sido combinados com representações oriundas de contextos históricos anteriores em um vasto empreendimento de ressignificação criativo, baseado na luta contra o autoritarismo e a violência política. Diante da profusão do discurso do ódio, das falsas informações e do negacionismo normalizado por setores inteiros da sociedade brasileira, e diante da negação criminosa por parte do governo da extensão da crise sanitária, econômica e social que afeta o país nos últimos tempos, cartunistas profissionais e pessoas anônimas assumiram em grande parte uma crítica visual generalizada, baseada em particular no humor, no escárnio e na ironia. Não sem colocar problemas metodológicos para a prática histórica, os memes e outros formatos digitais definidos por sua própria reprodutibilidade e “viralização”, estão se tornando uma nova categoria de fontes para a história do tempo presente.

Em 14 de junho de 2020, o cartunista mineiro Renato Aroeira publicava em suas redes a charge visual “Crime continuado”, associando visualmente ao nazismo a atitude de Jair Bolsonaro, que em 11 de junho tinha encorajado seus apoiadores a entrarem nos hospitais, completamente sobrecarregados diante do enorme afluxo de pacientes, a fim de verificar a ocupação dos leitos. A charge rendeu ao cartunista a abertura de um inquérito da Polícia Federal anunciado pelo então Ministro da Justiça, André Luiz Mendonça. Essa tentativa explícita de censura e intimidação, apenas alguns meses após a dramática farsa do Secretário Nacional de Cultura, Roberto Alvim, parafraseando Goebbels tendo ao fundo uma música de Wagner, provocou uma efusão de solidariedade de várias centenas de colegas que reapropriaram e reproduziram o desenho de Aroeira. A divulgação do caso e o ímpeto coletivo para resistir às pressões impostas às vozes críticas ao bolsonarismo, entre muitos outros exemplos, fornecem provas renovadas da vitalidade do humor político no tempo presente.

Este último número da revista *Tempo e Argumento* para o ano 2022 reúne estudos sobre a criação, produção e divulgação de formas de humor gráfico em diferentes contextos autoritários contemporâneos na América Latina, a partir de produções brasileiras. Como entender o impacto político do humor gráfico e o que ele revela das brechas, dos mecanismos de censura e repressão durante os estados de exceção? Como agiram as e os desenhistas na imprensa ou em outros meios de divulgação? Quem eram essas atrizes e esses atores da contestação, da oposição ou do apoio gráfico ao autoritarismo? Como esboçar uma sócio-história do humor gráfico latino-americano em perspectiva comparada? Que ferramentas metodológicas nos permitem medir o papel, a força, o poder e os impactos das circulações do humor gráfico? Os estudos reunidos no dossiê permitem lançar novas luzes sobre a história política, social e cultural das sociedades latino-americanas contemporâneas. O objetivo é compreender o funcionamento e as etapas de construção de lutas políticas e simbólicas por parte dos órgãos de imprensa de diferentes setores das sociedades envolvidas, através do uso da charge e de outros processos visuais.

A produção acadêmica sobre os regimes autoritários estabelecidos no século XX e início do século XXI, na América Latina, tem contemplado as lógicas repressivas, as estruturas de poder, os mecanismos de resistência, principalmente desde os anos 1980, época de surgimento e desenvolvimento da História do Tempo Presente. Novos sujeitos sociais e novas temáticas foram aos poucos incorporados às pesquisas históricas, legitimando enquanto objetos de estudo certas práticas, certos protagonistas e comportamentos até então menosprezados pela academia. O humor e o riso são exemplos sintomáticos dessa crescente abertura dos campos de pesquisa em História política. Nas duas últimas décadas, o papel social e político do humor gráfico em certos contextos autoritários foi estudado por excelentes trabalhos, porém, acreditamos que o aprofundamento à escala regional das questões analisadas, assim como o desenvolvimento de uma abordagem comparativa são pré-condições para a criação de uma rica história do humor gráfico sob ditaduras e regimes autoritários latino-americanos. Próprios da condição humana, mas, também, específicos à cultura política e de cada país, intimamente ligados à linguagem e às palavras, o humor visual e o riso desenhado fizeram muitas vezes, e ainda fazem parte de lógicas de protesto contra várias formas de autoritarismo.

Dossiê: Resistência, adesão e acomodação na América Latina: Imprensa e humor em contextos autoritários

Organizadores: Rodrigo Patto Sá Motta, Mélanie Toulhoat

Contudo, o desenho de humor também serviu para reforçar algumas representações estigmatizantes e discriminatórias, assim como crenças conservadoras e regimes reacionários, portanto, colocando-se algumas vezes a serviço das direitas e das ditaduras. Situadas em contexto censório numa zona cinzenta entre o proibido e o autorizado, por vezes toleradas com desconfiança, essas produções visuais também tiveram o papel de chaves para a manutenção do status quo, ou de válvulas de descompressão essenciais para o funcionamento dos sistemas repressivos. A grande diversidade do humor gráfico latino-americano tem tido, desde a sua origem, ligações estreitas com a imprensa, tanto a dominante quanto a independente, mas, também, encontrou em cartazes, grafites, gravuras, quadrinhos, cordéis e colagens outros meios de divulgação e circulação.

O presente dossiê é composto de cinco artigos, que, esperamos, poderão fornecer elementos e inspiração para renovar essas reflexões.

Jacqueline Ventapane Freitas, historiadora e cientista política, e Flaviano Bugatti Isolan, historiador, trabalham a partir de charges publicadas na revista brasileira e latino-americana *Cadernos do Terceiro Mundo* publicadas entre 1976 e 1979 e que tratam do tema da política de Direitos humanos para América Latina implementada pelo governo de Jimmy Carter (1977-1981). Criada em Buenos Aires no ano 1974, a revista foi relançada no México após um período de dispersão devido à perseguição política na Argentina e depois de um importante trabalho realizado sobre as guerras de libertação nacional em Angola e Moçambique. Marcado por um forte Terceiro-mundismo, o periódico começou a ser publicado no Brasil em 1980, com a abertura política. Durante o período de produção das charges analisadas no artigo, a revista circulava clandestinamente em território brasileiro. Considerando as produções gráficas como um tipo de “editoriais visuais” do periódico, elementos-chave em uma estratégia de comunicação crítica, o artigo questiona a capacidade de representar a realidade enquanto analisa os contornos e o escopo dos *Cadernos do Terceiro Mundo* em seu complexo contexto, latino-americano e internacional, de produção.

Três outros trabalhos abordam o uso do humor gráfico publicado no contexto da ditadura militar brasileira, a partir de dois ângulos significativamente diferentes. Por um lado, Rodrigo Patto Sá Motta propõe uma análise do discurso

gráfico publicado em cinco periódicos da grande imprensa, no período entre 1966 e 1979: *Correio da Manhã*, *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo* e *Última Hora*. O artigo mostra como as charges representavam os dois únicos partidos políticos autorizados pelo regime, ARENA e MDB, revelando mudanças no sistema político e diferentes sensibilidades jornalísticas em relação a ele. O historiador ancora seu trabalho em uma fina compreensão das relações entre o regime ditatorial e a imprensa, com base nos discursos produzidos pelos conteúdos visuais e humorísticos que foram além de uma simples estrutura informativa e que realmente buscaram influenciar o discurso da imprensa no contexto autoritário, assim como o próprio cenário político brasileiro.

Por outro lado, com base em um arquivo inédito de desenhos censurados pelo cartunista Ernani Diniz Lucas (Nani), a historiadora Mélanie Toulhoat discute certas representações políticas oriundas das autoridades encarregadas de controlar o humor gráfico publicado na imprensa independente, e mais especificamente no semanário satírico *Pasquim*. As fontes visuais permitem penetrar o imaginário censório e perceber certas motivações para a proibição de várias expressões consideradas subversivas, justificadas pela preservação de uma visão do mundo e um imaginário autoritário. O artigo examina a relação entre o autorizado e o proibido nos desenhos políticos e humorísticos durante a primeira metade dos anos 70, revelando um conjunto híbrido de temas censurados por vários motivos. Combinada com a análise de fragmentos de uma entrevista com o cartunista Nani, a reflexão sobre as fontes gráficas censuradas nos permite compreender a natureza sistemática e as motivações políticas de muitas proibições ao mesmo tempo em que demonstra a existência de espaços de negociação, ligados às subjetividades, referências e convicções dos agentes responsáveis pela censura.

Igualmente voltado para o contexto da ditadura militar brasileira, o artigo da historiadora Natália Cristina Batista busca analisar as relações entre o teatro e o humor gráfico, colocando em foco uma das mais célebres peças de resistência na fase inicial do regime autoritário, o espetáculo *Liberdade, liberdade*, uma das principais produções do grupo Opinião. Tendo como ponto de partida o estudo de charges contidas no próprio programa da montagem e imagens cômicas publicadas nos jornais *Correio da Manhã* e *Última Hora*, a autora mostra

Dossiê: Resistência, adesão e acomodação na América Latina: Imprensa e humor em contextos autoritários

Organizadores: Rodrigo Patto Sá Motta, Mélanie Toulhoat

como os desenhistas do humor gráfico se apropriaram da peça para criticar o regime militar. Para além de investigar o impacto de *Liberdade, liberdade* no campo cultural de resistência à ditadura, o artigo analisa a utilização do humor como estratégia visual e narrativa que denuncia a repressão, o que implica novos desafios para as ações de censura estatais.

Finalmente, o artigo de Rozinaldo Antonio Miani, historiador e pesquisador em comunicação, diz respeito ao início do século 21 e foca nas charges produzidas pelo cartunista brasileiro Carlos Latuff sobre o golpe de junho de 2009 em Honduras. Além de serem críticas aos ataques ao regime democrático hondurenho, as produções visuais e humorísticas também revelam uma denúncia do discurso tendencioso da grande mídia brasileira no momento dos eventos. Os desenhos analisados por Miani, provenientes da imprensa sindical, mas também das redes sociais do cartunista carioca Latuff, são analisados de maneira complexa e completa, do ponto de vista de seu conteúdo, de seu discurso visual e de sua ancoragem em seu contexto de produção. O autor mostra como o humor político, uma crítica sintética e aguçada aos eventos contemporâneos produzida em determinado contexto histórico, é uma fonte valiosa para a história do tempo presente, que nos permite também refletir sobre o papel e o lugar das mídias em nossas sociedades.

Teria sido fantástico se tivéssemos sido capazes de oferecer às leitoras e aos leitores um editorial visual, uma charge sobre o tema. Reconhecendo os limites de nosso talento, decidimos deixar essa vasta tarefa para as e os cartunistas, e nos dedicamos ao nosso ofício, a prática histórica. Esperamos que este dossiê possa abrir novos caminhos de reflexão sobre as raízes, formas, papéis, usos, mecanismos e canais de divulgação do humor gráfico brasileiro e latino-americano.